ISSN 2176-9060

FIÉIS E CIDADÃOS SEGUINDO O ANDOR: AS PROCISSÕES APRESENTADAS A PARTIR DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Cícero Williams da Silva
(UNICAP – Mestrando em Ciências da Religião, bolsista PROSUP CAPES)
E-mail: cicerowilliams.brasil@gmail.com

Percy Marques Batista
(UNICAP – Mestrando em Ciências da Religião)
E-mail: percymarques@gmail.com

RESUMO

A comunicação possui como tema central as procissões e apresenta elementos para reflexão e discussão em torno de aspectos da religiosidade popular, vistos a partir de duas manifestações culturais: a literatura e a música popular brasileira. O ponto de partida será a análise de uma obra de cada um dos campos mencionados com o intuito de observar como o assunto é nelas abordado, visando a compreender aspectos da fé cristã presentes no imaginário popular vivenciado em vários lugares do Brasil. Dessa forma, apresentamos liames existentes entre as manifestações artísticas e as expressões de religiosidade de fiéis e cidadãos que, nos espaços públicos, colocam em procissão, parte de seus mais profundos anseios.

PALAVRAS-CHAVE: CATOLICISMO POPULAR, DEVOÇÕES, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

INTRODUÇÃO

O ato de sair em procissão[1] é corriqueiro na história da humanidade e esteve, ao longo dos séculos, ligado ao hábito de se comemorar alegrias ou solenizar tristezas, não sendo, necessariamente, uma manifestação religiosa, mas expressões habituais em variadas festas comuns. Dessa forma, nos tempos passados, encontramos os diversos cortejos de reis e generais vencedores de batalhas, em júbilo e aclamação popular, bem como os

[1] Do latim *processio*: "ação de avançar, de ir para adiante".

ISSN 2176-9060

que estampavam a dor nos rostos, levando seus ilustres mortos ao local do sepultamento. Quanto mais rico e poderoso fosse o indivíduo, maior o préstito fúnebre. Entretanto, na Antiguidade, também há frequentes casos de procissões como forma de expressão da religiosidade de um povo, como as que ocorriam na Grécia por ocasião da homenagem a Afrodite, ou a Zeus. Mais tarde, na Idade Média e Moderna, elas continuaram existindo, sob a influência do cristianismo na Europa, e alcançaram nossos dias.

De acordo com a tradição judaico-cristã, tal ajuntamento de pessoas saindo em peregrinação remonta ao período veterotestamentário cujas histórias, tanto na *Tanakh*[2] quanto na Bíblia, são verificáveis em trechos como o da travessia do rio Jordão pelo povo hebreu, guiado por Josué (*Yaosh*[3]), tendo à frente a Arca da Aliança, símbolo maior da presença de sua divindade; o da destruição da cidade de Jericó e os sete dias de "procissões" em volta dela; os dos relatos dos Salmos (*Tehillím*[4]), que descrevem a forma devota com que os hebreus iam ao seu local de culto, especialmente no de número 42, verso 4: "Lembro-me destas coisas – e dentro de mim se me derrama a alma – de como passava eu com a multidão de povo e os guiava em procissão à Casa de Deus, entre gritos de alegria e louvor, multidão em festa"; o do episódio em que Davi (*Dáoud*[5]) conduz a Arca da Aliança, em séquito, do território filisteu até Jerusalém, com dança e

[2] *Tanakh* (ou *Tanach*) é um termo da língua hebraica, formado a partir das iniciais das palavras *Toráh*, *Nevi'im* e *Kethuvim* (Lei, Profetas e Escritos). São as três partes que compõem as Escrituras Hebraicas.
[3] Nome, em hebraico transliterado, do personagem Josué, de acordo com a Escritura Sagrada Segundo o Nome - Edição Unitariana Corrigida –, na tentativa de aproximação da fonética original dos nomes de personagens encontrados nos textos judaicos.
[4] Tehillím é o livro de hinos e de orações das escrituras judaicas. Os tehillím foram escritos por diversos autores, durante um período de mais ou menos setecentos anos, e usados pelos hebreus em suas reuniões religiosas.
[5] Nome, em hebraico transliterado, do personagem rei Davi, de acordo com a Escritura Sagrada Segundo o Nome - Edição Unitariana Corrigida –, na tentativa de aproximação da fonética original dos nomes de personagens encontrados nos textos judaicos.

ISSN 2176-9060

cânticos. E, ainda, as ocorrências bíblicas das procissões na Páscoa, Pentecostes, Festa dos Tabernáculos, entre outras. Até que, finalmente, nos escritos neotestamentários, encontramos o messias cristão entrando na cidade de Jerusalém, sentado em um jumentinho, sendo aclamado pelo povo que o seguia em "procissão", dizendo: "Hosana ao filho de Davi!".

AS PROCISSÕES NO BRASIL

Na história da Igreja, tanto do Oriente quanto do Ocidente, temos registros de inúmeros momentos em que as procissões aconteceram, sobretudo as penitenciais, a fim de pedir misericórdia a Deus diante de terrível seca ou mesmo implorar que alguma epidemia parasse de se alastrar, levando muitos à morte. No Brasil, tal manifestação religiosa foi trazida pelos portugueses e, nos dias atuais, é caracterizada como uma prática da religiosidade popular, típica dos católicos, durante a qual alguma imagem de santo ou santa da Igreja, ou até mesmo a eucaristia (procissão de *Corpus Christi*), é conduzida pelas ruas de uma cidade, seguida de uma multidão que a acompanha, como forma de propagação de sua fé e devoção.

Como catolicismo popular, grosso modo, entendemos aspecto da expressão cultural, além da religiosa, que possui uma natureza dinâmica, portanto, com rupturas e continuidades, "dentro de um contexto cultural mais amplo do qual faz parte" (SOUZA, 2013, p. 6). Carlos Steil converge, em suas ideias, com Ricardo Souza quando defende, dentro do contexto das romarias, também inseridas no rol de práticas religiosas populares, o dinamismo desse universo de fé e devoção. Explica:

> As romarias [...] são portadoras de uma tradição que é continuamente reinventada por romeiros, moradores e pelo clero, como uma forma de legitimar valores, ações e normas de comportamento que cada uma destas

ISSN 2176-9060

> categorias considera centrais dentro de suas redes de convenções. Quando evocam a *tradição*, esses diversos atores pretendem, na verdade, acionar um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas em torno do santuário, com ou sem o selo da ortodoxia, mas que hoje são usadas para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamento. [...] As romarias são importantes ainda para a compreensão das transformações que vêm ocorrendo no contexto social e religioso, na medida em que oferecem um amplo repertório linguístico de signos, símbolos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações novas colocadas pela modernização (STEIL, 1996, p. 59. Grifo original).

Ou seja, seus praticantes são vistos como

> o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural. Contrastam, assim, com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população. [...] Não é correto, ainda, pensar o catolicismo eclesiástico como o polo dominante e o catolicismo popular como o polo dominado [...] Mas é inegável o fato de o catolicismo popular possuir vitalidade derivada da vivência cotidiana dos fiéis, e vitalidade esta que nem sempre se encaixa nos rígidos parâmetros eclesiásticos, o que faz com que crenças e rituais característicos do catolicismo popular transbordem dos limites impostos pela instituição e divirjam dos dogmas católicos (SOUZA, 2013, p. 5-6).

Considerando como viés de analise a dicotomia usada por Mircea Eliade – sagrado e profano – e, obviamente, levando em conta o fragmentado caráter do mundo religioso com seus sistemas próprios e suas lógicas internas, tomamos como base, aqui, o referencial transcendental do cristianismo para enxergarmos, nas procissões, um exemplo desse fenômeno, pois há nelas o encaixe perfeito entre a

ISSN 2176-9060

experiência cerimonial eclesiástica e a profana, em um espaço que habitualmente não é no interior dos templos, mas nas ruas. Em outras palavras, trata-se da existência simultânea do controle da Igreja e da absorção de elementos que estão para além desse controle, pois sua herança histórica possui raízes fincadas não apenas nos ritos cristãos, mas também nos ritos pagãos, em um processo de hibridismo constante.

Dentre as modalidades de procissões existentes no Brasil, sobretudo em cidades interioranas, há de se destacar as que se relacionam à necessidade de intervenção divina, visando vários objetivos: evitar pestes e epidemias, estiagens ou, até mesmo, desejar o cessar das chuvas por já tê-la em excesso (o que pode, inclusive, culminar em enchentes e transbordamentos) – as chamadas "procissões de penitentes".

Na tentativa de compreendermos um pouco mais o sentido desse fenômeno religioso, será importante pensar em algumas motivações existentes para se fazer uma procissão, pois ela pode ser feita tanto por ocasião de uma festa, quanto em um ato de penitência, conforme já mencionado. Além disso, ela pode ser pensada "como um fenômeno religioso, mas também, como expressão da ação institucional e de interesses políticos e sociais por elas representados" (SOUZA, 2013, p. 6). Destaca-se, assim, o papel duplamente qualificado dos participantes das procissões, pois, se por um lado são fiéis seguidores cristãos, por outro, são simultaneamente cidadãos inseridos em um contexto sócio-político.

Dessa forma, as relações existentes nesse processo atendem a interesses individuais – aqueles em que o devoto, por exemplo, por motivos de fé e/ou para se inserir e declarar em manifestação pública a sua pertença religiosa sai em procissão – e coletivos – os visam traduzir o sentido de afirmação da força da Igreja Católica Apostólica Romana enquanto religião ainda hegemônica na nação brasileira. No

ISSN 2176-9060

entanto, a presença desses elementos na dinâmica do fenômeno, a nosso ver, é positiva, posto que a torna ainda mais complexa e merecedora de reflexão e aprofundamento.

Em entrevista concedida aos autores, Clóvis Cabral[6], pesquisador e conhecedor da religiosidade popular – sobretudo afro-brasileira – faz uma análise das procissões a partir de sua vivência:

> Não há separação entre o sagrado e o profano nesse processo [...] O santo tem uma relação muito íntima, como se fosse um parente do devoto, pois há muita proximidade para se pedir, numa linguagem coloquial, direta:
> – São Jorge, olha lá! Veja o que você vai fazer!? Esse menino tá ficando danado. Tô ficando receoso...
> Os santos das procissões são santos próximos. [...] Procissão é um grande instrumento pedagógico, ajuda o povo a caminhar rumo a uma sociedade mais fraterna, justa e igualitária.

O depoente também observou seu sentido metafórico como o lugar onde se caminha, pois no contexto dos sertões, muito tempo atrás, as procissões, tal e qual conhecemos hoje, foram forjadas, inclusive porque andar léguas para ir buscar água, por exemplo, fez parte do cotidiano de parcelas do povo do Nordeste brasileiro.

A partir de um viés antropológico de análise, podemos considerar que, para além das questões que caracterizam as procissões, como entoar cânticos típicos e aglutinar pessoas em torno de uma fé, existe todo um simbolismo que impacta na vida de quem delas participa. Elas podem ser consideradas como um lugar de encontro, confraternização, caminhada com o outro e busca de horizontes de esperança.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E DEVOÇÕES

Relevante é, sucintamente, refletirmos sobre a relação que há entre arte e religiosidade, orbitando em torno das ideias de espiritualidade e cultura, posto que o diálogo que aqui apresentamos,

[6] Depoimento do Pe. Clóvis, SJ., gravado em 25 de agosto de 2016.

ISSN 2176-9060

a partir das procissões como práticas devocionais, dentro do acervo de obras artísticas brasileiras, desperta-nos o interesse pela busca da compreensão e de uma, ainda que incipiente, análise acerca de tal relação dialogal.

Há muito se costuma afirmar que o ser humano é um ser essencialmente religioso. Buscando encontrar evidências disso no passado, recorre-se comumente a exemplos como os das pinturas/artes rupestres para, por meio delas e das interpretações sobre elas elaboradas, chegar a tal conclusão. A questão é que aquele tempo histórico – os das artes nas paredes das cavernas – revelou-se também como marco inicial das manifestações artísticas da humanidade. Ali constatou-se talvez um dos primeiros momentos de entrelaçamento de duas facetas da alma humana que continuam andando de mãos dadas ao longo dos séculos – a arte e a religiosidade – que se manifestam no mito, na magia e na própria religião.

Desde o século XX, na cultura ocidental, como bem definiu Richard Shusterman (2012, p. 82), as obras de artes se tornaram extremamente próximas dos textos sagrados. De acordo com Jorge Coli (1995, p. 14), elas estão em uma dimensão chamada de espiritual – desde que se entenda espiritual como sendo o conjunto de mistério e intuições que o ser humano possui, ou seja, a caracterização de uma fina relação desse ser com os mais diversos aspectos não evidentes, ou mesmo inexplicáveis, da existência.

A arte, finalmente, é sujeito – não objeto –, porquanto comunica em uma dimensão que produz encantamento. Além disso, possui uma sacralização que não é a religiosa, tal e qual conhecemos, pois trata-se, sobretudo, de um sagrado laico que contém templos seculares. Portanto, partindo dessa lógica de comunicação, na qual essa particular concepção de sagrado permeia as manifestações artísticas, interessam-nos as procissões como expressão de uma devoção, mesmo que a partir de obras consideradas não-devocionais e, para

ISSN 2176-9060

muitos, profanas. Para tanto, faz-se necessário conhecer ao menos algumas delas.

AS PROCISSÕES NA LITERATURA BRASILEIRA

Jorge Amado[7], em *Gabriela, cravo e canela*, descreve detalhes de uma procissão. O espaço narrado é a pequena cidade baiana, de Ilhéus, por volta do ano de 1925, que enriquecera em função do cacau e experimentara um gigantesco desenvolvimento urbanístico/comercial.

> A procissão de São Jorge, naquele ano, tomara o aspecto de uma ansiosa promessa coletiva ao santo padroeiro da cidade. O seu rico andor bordado de ouro, levavam-no sobre os ombros orgulhosos os cidadãos mais notáveis, os maiores fazendeiros, vestidos com a bata vermelha da confraria [...] estavam todos eles na procissão, de vela em punho, contritos, prometendo mundos e fundos a São Jorge em troca das chuvas preciosas. A multidão, atrás dos andores, acompanhava pelas ruas a reza dos padres. Paramentado, as mãos unidas para a oração, o rosto compungido, o padre Basílio elevava a voz sonora puxando as preces. Escolhido para a importante função por suas eminentes virtudes, por todos consideradas e estimadas, o fora também por ser o santo homem proprietário de terras e roças, diretamente interessado na intervenção celestial. Rezava assim com redobrado vigor. [...] Elevava-se a voz vigorosa e interessada do padre na prece ardente, elevava-se a voz fanhosa das solteironas, o coro unânime dos coronéis, suas esposas, filhas e filhos, dos comerciantes, exportadores, trabalhadores vindos do interior para a festa, carregadores, homens do mar, mulheres da vida, empregados no comércio, jogadores profissionais e malandros diversos, dos meninos do catecismo e das moças da Congregação Mariana. [...] Certas senhoras de sociedade, numa promessa combinada durante o último baile do Clube Progresso, acompanhavam a procissão de

[7] Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia. Além de *Gabriela*, *Cravo e Canela* (também adaptada para o cinema), escreveu obras como *Capitães da Areia*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tenda dos Milagres*, *Tieta do Agreste* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Foram 49 livros escritos por ele, ao todo.

ISSN 2176-9060

> pés descalços, oferecendo o sacrifício de sua elegância ao santo, pedindo-lhe chuva. [...] Realmente, alguns dias após a procissão, nuvens de chuva se acumularam no céu e as águas começaram a cair no começo da noite. Só que São Jorge, naturalmente impressionado pelo volume de orações e promessas, pelos pés descalços das senhoras e pelo espantoso voto de castidade do padre Basílio, fez milagre demais e agora as chuvas não queriam parar, a estação das águas se prolongava já por mais de duas semanas além do tempo habitual (AMADO, 2000, p. 8 e10).

No texto citado acima é possível identificar os vários grupos de pessoas que estão presentes na procissão descrita por Jorge Amado, são eles: o clero, os fazendeiros e coronéis, com suas esposas e filhos – os mais notáveis –, os comerciantes e os comerciários, os trabalhadores rurais, os pescadores, os jogadores, os malandros e as prostitutas – os marginalizados. Aspecto relevante para entendermos o caráter aglutinador e a relação sociocultural dessa manifestação religiosa.

Inserida em um contexto de seca, a procissão em destaque tem características de penitência, pois se roga ao santo que mande chuva a fim de regar plantações e salvar safras. Busca-se agradar aos céus de todas as formas: com pés descalços, vela nas mãos, entoando cânticos alternados às rezas, com padre paramentado e andor cheio de enfeites e requinte. A cidade testemunha a efervescência em seus espaços públicos e a mudança de sua rotina.

Esses mesmos fiéis e cidadãos que vão às ruas em ato fé e devoção, pedindo para chover, também voltam aos pés do santo, de coração contrito, implorando-lhe o cessar das águas, pois já caíram em excesso. Novamente se sai em préstito em busca de tal graça, pois se trata de um processo dinâmico, passível de repetição, cuja continuidade é útil e necessária à sobrevivência da religiosidade popular.

Esse foi um caso de obra literária que tratou do tema em foco, por vezes parecendo colocar o leitor diante de uma expressão pictórica.

ISSN 2176-9060

Há de se considerar a existência de vários outros textos de autoria de grandes escritores brasileiros; entretanto, optamos pelo que foi citado como uma amostra da importância das procissões em uma das mais conhecidas manifestações culturais: a literatura.

AS PROCISSÕES NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Também encontramos várias composições na música popular brasileira que falam de procissões. Canções como Procissão (Gilberto Gil), Romaria (Renato Teixeira), Pingo d´água (Raul Torres e João Pacífico) e Súplica Cearense (Gordurinha e Nelinho) são alguns exemplos dessa manifestação, através do cancioneiro popular. No entanto, para este trabalho, decidimos analisar, musical e textualmente, a canção "súplica cearense" por ser nordestina e muito conhecida no cenário nacional.

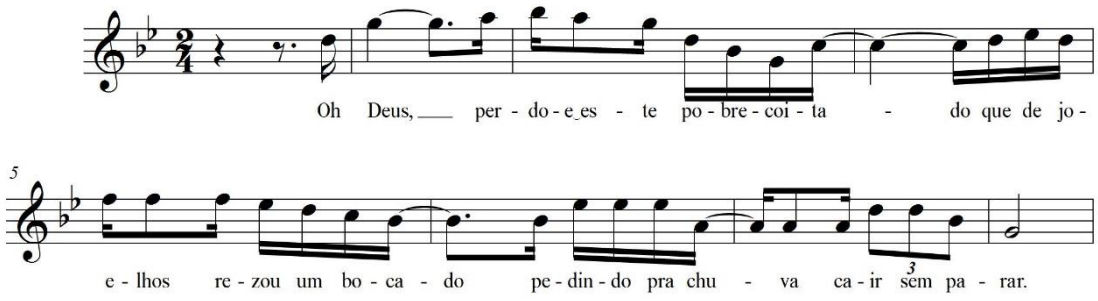
A canção é uma verdadeira prece – e, talvez por isso, tenha sido composta em uma tonalidade menor, indicativa para canções desse gênero. O "eu lírico" traz a figura de um nordestino que pede para parar de chover, porque acredita ter rezado de forma incorreta e, em consequência disso, Deus mandou chover demasiadamente, causando transtornos.

A estética dessa música possui uma melodia que, de certo modo, acompanha o discurso poético da letra, porquanto as notas musicais percorrem caminhos, ora ascendentes, ora descentes, em detrimento do tipo de discurso poético nela existente. As representações acerca de Deus e os pedidos de súplica e de perdão são associados às notas mais aguda, ou seja, mais acima no pentagrama, enquanto que as referências ao chão, à terra, ao Ceará, encontram correspondência com as notas mais graves da canção, postas abaixo, no pentagrama.

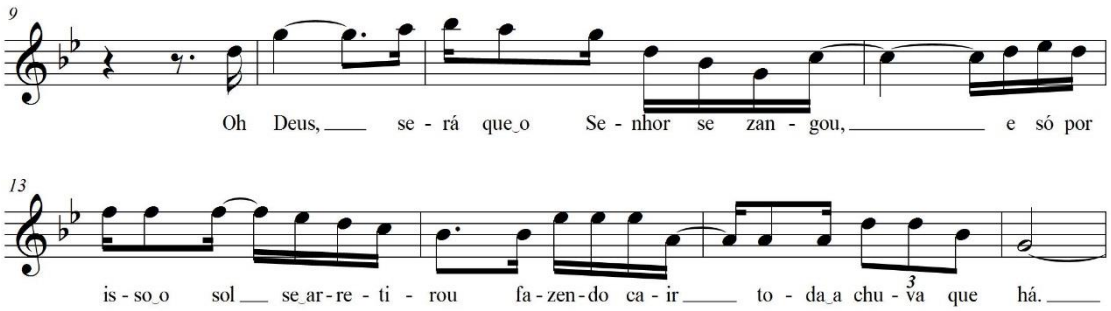
Passando para a análise propriamente dita, encontramos, no início da canção, quando diz "Oh, Deus, perdoe esse pobre coitado, que

ISSN 2176-9060

de joelhos rezou um bocado", uma melodia com desenho ascendente, atingindo as notas mais agudas, sobretudo quando o discurso se refere a Deus (nota Sol 4, uma oitava acima), e também traça caminho inverso, ou seja, atingindo notas bastante graves ao se referir ao pobre coitado (nota Sol 3, uma oitava abaixo). Essa mesma lógica é notada na sequência do discurso, no trecho que diz "pedindo pra chuva cair sem parar", quando o desenho das notas, mais uma vez, é descendente, pois começa da nota Mi 4 até chegar à nota Sol 3, justamente na sílaba "rar" da palavra "parar".



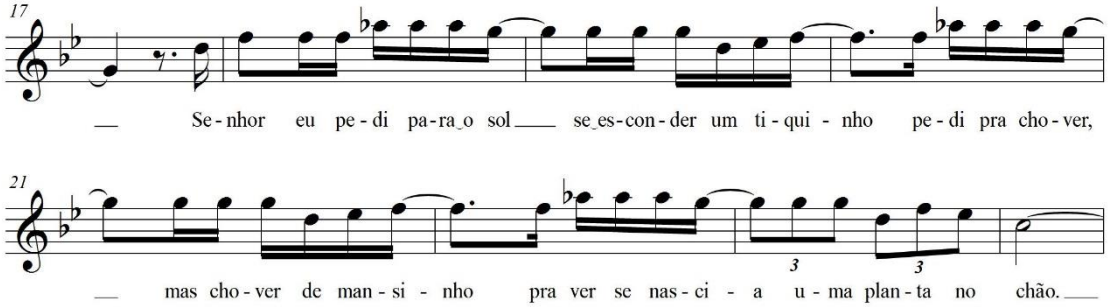
No trecho seguinte, a melodia acompanha a mesma "dinâmica", pois realiza movimentos crescentes, indo da nota Ré 4 à Si 4 (Oh, Deus...). Logo depois, começa um desenho inverso, percorrendo um caminho que sai da nota aguda Si 4 até a nota do trecho final, Sol 3, na parte "fazendo cair toda a chuva que há".



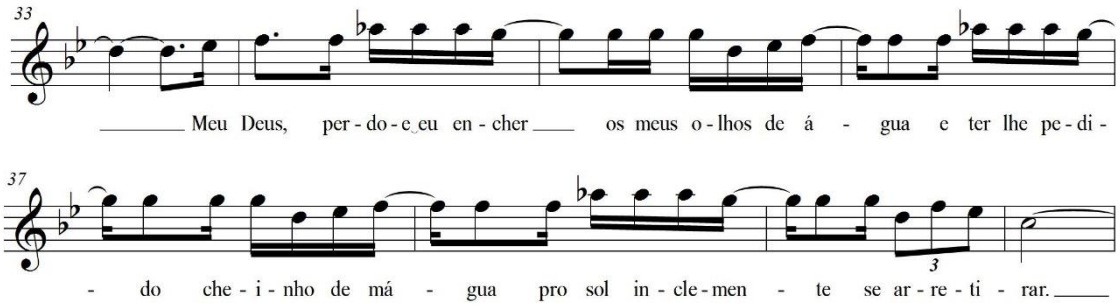
Seguindo com a parte "b" da canção, notamos o discurso apelativo do fiel exatamente em conexão com as notas musicais mais agudas da canção (notas Si 4, Lá 4 e Sol 4), sobretudo quando se refere à palavra "sol" (nota Sol 4). Os pedidos são elevados aos céus, lugar onde se encontra Deus, por isso, a correspondência entre essas

ISSN 2176-9060

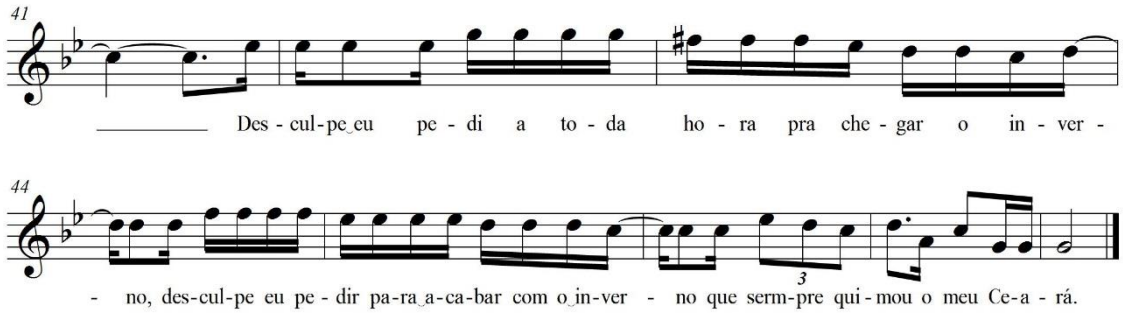
notas agudas e o discurso da música. Em contraponto, a nota mais grave desse trecho é atribuída mais uma vez à palavra "chão" (nota Dó 4). Veja a figura abaixo



Ainda na parte "b", o pedido de perdão e as referências à palavra "sol" encontram-se totalmente de acordo com o caminho da melodia, atingindo a nota mais aguda desse trecho, Lá bemol 4, desembocando num movimento contrário, descendente, até alcançar a nota Dó 4, nota mais grave dessa parte, associada à sílaba "rar" da palavra "arretirar".



Continua ainda a música representando um diálogo entre a piedade popular e Deus, onde a melodia desse trecho permanece dentro do pentagrama, sem muitas oscilações, até atingir a nota mais grave da canção (Sol 3), ao se referir ao estado do Ceará.



ISSN 2176-9060

Nesse contexto, a música popular brasileira desempenha um papel muito relevante na comunicação, por ser uma ferramenta de expressão cultural acessível a todas as pessoas, sobretudo pelos meios de difusão, como rádio e televisão, ao propagar a mensagem da piedade popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As procissões são expressão de religiosidade, mas também momento de diversão e socialização. São caracterizadas como manifestação da religiosidade popular e, entre seus tantos significados, a indissociável relação sagrado x profano.

As artes, por sua vez, ajudam a revelar o que há de mais profundo na cultura de um povo, transfigurando, assim, as palavras, as imagens e os sons. Quando se funde com manifestações de religiosidade, toma-se de mais sentido e força.

Fica, portanto, explícita a importância das procissões nas práticas devocionais brasileiras, repletas de ressignificões constantes que estão para além dos templos da Igreja, atingindo espaços públicos – os das praças e ruas – envolvendo fiéis e cidadãos. São vistas repletas de beleza estética por intermédio das artes, não apenas nas obras citadas neste texto, mas porque nelas – procissões – encontramos cores, sons e expressões profundamente artísticas, basta que participemos de uma para constatarmos cada uma das facetas que a compõem.

REFERÊNCIAS

ALBIN, Ricardo Cravo. **O Livro de Ouro da MPB**: a história de nossa música popular de sua origem até hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 82. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

ISSN 2176-9060

AS ESCRITURAS SAGRADAS SEGUNDO O NOME. Edição Unitariana Corrigida. 2. ed. s.l.: CYC, s.d.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário escolar latino-português**. s.l.: s.n., 1962.

SHUSTERMAN, Richard. Arte e religião. **Revista Redescrições**, n. 3, p. 82-103, 2012.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÚPLICA cearense. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=s%C3%BAplica+cearense+-+partitura>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Entrevistado

Clóvis Cabral – Sacerdote católico, membro da Companhia de Jesus, é pesquisador, coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena, da Universidade Católica de Pernambuco (NEABI/UNICAP). Concedeu seu depoimento no Recife, aos 25 de agosto de 2016.